

SIGNIFICADO HISTÓRICO DA VISITA DE XI JINPING À ARÁBIA SAUDITA

Por M. K. Bhadrakumar*



O presidente chinês Xi Jinping (à direita) cumprimenta o príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman na Cúpula do G20 em 4 de setembro de 2016 em Hangzhou, China (Lintao Zhang/Getty Images).

Se os sauditas realmente passarem a precificar ao menos parte de seu petróleo em outra moeda que não o dólar, abandonando uma decisão de 1971, será um forte indicativo de que há uma grande recalibração geoestratégica em curso.

As notícias de que o presidente chinês Xi Jinping está planejando sua primeira viagem ao exterior após o Congresso do Partido e pode ser para a Arábia Saudita goteja com enorme simbolismo. De acordo com o *Wall Street Journal*, a visita deve ocorrer no início de dezembro e os preparativos estão em andamento.

O diário citou pessoas familiarizadas com os preparativos de que as “boas-vindas” do líder chinês “é mais provável que se pareçam” com a visita de Donald Trump em 2017 em sua pompa e circunstância.

Previsivelmente, o ponto focal será a trajetória futura da “aliança” petrolífera sino-saudita – em vez disso, a formação de uma aliança petrolífera comparável à estrutura russo-saudita da OPEP Plus. Dito isso, há muito mais na próxima visita de Xi Jinping à geopolítica nos alinhamentos em mudança dramática na região da Ásia Ocidental e, de fato, seu impacto na ordem mundial pode ser de longo alcance.

A questão é que tanto a China quanto a Arábia Saudita são grandes potências regionais e qualquer matriz que os envolva bilateralmente será altamente consequente para a política internacional. O *Wall Street Journal* [disse que](#) “Pequim

e Riad buscam aprofundar os laços e promover uma visão de um mundo multipolar onde os EUA não dominam mais a ordem global”.

Sem dúvida, a guerra na Ucrânia fornece um pano de fundo imediato. Será extremamente difícil para os Estados Unidos saírem da guerra a curto prazo sem sofrer uma enorme perda de prestígio, manchando sua credibilidade como superpotência, minando sua liderança transatlântica e até mesmo arriscando o futuro do sistema de alianças ocidentais como tal.

Tanto a China quanto a Arábia Saudita terão chegado à conclusão de que o “consenso bipartidário” sobre a guerra na Ucrânia pode não sobreviver à feroz guerra tribal entre a elite política americana que certamente começará muito em breve assim que as eleições de meio de mandato terminarem. Se os republicanos ganharem o controle da Câmara dos Deputados, eles iniciarão o processo de *impeachment* do presidente Biden.

Uma [pesquisa](#) do *The Guardian* com a opinião de especialistas no domingo foi intitulada *Estas são condições maduras para a violência política: quão perto estão os EUA da guerra civil?* Em sua essência, portanto, tanto a China quanto a Arábia Saudita veem a retração dos EUA ganhando força na região da Ásia Ocidental.

Um importante item de discussão durante a visita de Xi Jinping à Arábia Saudita será a estratégia de política externa “Look East” deste último, que antecipou a retração dos EUA pelo menos em meados da década passada. A visita de Xi Jinping à Arábia Saudita em 2016 foi um evento marcante.

Sem dúvida, Pequim tem acompanhado de perto a deterioração das relações EUA-Sauditas desde então. E não pode ser ignorado por Pequim que, ultimamente, os sauditas vêm planejando cooperação energética com a China em meio às tensões do príncipe herdeiro Mohammed bin Salman com Biden.

O sinal mais seguro foi a [reunião virtual](#) em 21 de outubro entre o príncipe Abdulaziz bin Salman bin Abdulaziz, ministro saudita de Energia e Zhang Jianhua, administrador nacional de energia da China, um político sênior (que foi membro da 19ª Comissão Central de Disciplina do Partido Comunista Chinês). O encontro ocorreu em meio a uma profunda crise nas relações EUA-Sauditas com a elite norte-americana que ameaçava impor sanções contra Riad.

Sem surpresa, uma das principais questões discutidas entre os ministros chinês e saudita foi o mercado de petróleo. De acordo com o comunicado saudita, os ministros “confirmaram sua vontade de trabalhar juntos para apoiar a estabilidade do mercado internacional de petróleo” e enfatizaram a necessidade de “fornecimento de petróleo confiável e de longo prazo para estabilizar o mercado global que enfrenta várias incertezas devido a complexas e situações internacionais mutáveis”. Não é mais ou menos isso que a OPEP Plus (aliança petrolífera russo-saudita) continua dizendo?

Enquanto isso, os dois ministros também discutiram cooperação e investimentos conjuntos em países que a China vê como parte de sua visão estratégica do

Cinturão e Rota e declararam sua intenção de continuar a implementar um acordo sobre usos pacíficos da energia nuclear (ao qual Washington se opôs).

Sem dúvida, a reunião dos ministros foi uma clara repreensão dirigida a Washington, destinada a lembrar ao governo Biden que a Arábia Saudita tem outras relações energéticas importantes e que a política petrolífera saudita não vem de Washington. Mais importante, o cálculo aqui é que Riad está buscando um equilíbrio entre Pequim e Washington. A fala vazia de Biden sobre uma “batalha entre autocracia e democracia” incomodaria a Arábia Saudita, mas a China não tem agenda ideológica.

Notavelmente, os ministros saudita e chinês concordaram em aprofundar a cooperação na cadeia de fornecimento de energia por meio do estabelecimento de um “centro regional” para os fabricantes chineses no reino aproveitarem o acesso da Arábia Saudita a três continentes.

A conclusão é que as elites políticas e empresariais sauditas percebem cada vez mais a China como uma superpotência e esperam um envolvimento global que seja transacional, semelhante ao modo como a China e a Rússia geralmente se envolvem no mundo. Os sauditas estão convencidos de que sua [“parceria estratégica abrangente”](#) (2016) com a China aumentaria a crescente importância geopolítica do reino em meio à guerra da Rússia na Ucrânia e ressalta que Riad tem mais opções agora e buscará ainda mais o equilíbrio.

A Arábia Saudita também tem laços cada vez mais estreitos com a Rússia. Com uma perna dentro da tenda da SCO (tendo conquistado o *status* de observador), agora [está buscando a adesão](#) ao BRICS. Estes são movimentos complementares, mas o formato BRICS também está trabalhando em um sistema monetário alternativo, que atrai Riad.

Coincidência ou não, Argélia e Irã, dois outros países produtores de petróleo que mantêm laços estreitos com a Rússia, também buscaram a adesão ao BRICS pelo mesmo motivo. O próprio fato de que a Arábia Saudita está se juntando a eles e está disposta a contornar as instituições ocidentais e reduzir o risco de interação com elas, e em vez disso está explorando formas paralelas de conduzir relações financeiras, econômicas e comerciais sem depender de instrumentos controlados pelos EUA ou pela UE transmitir uma grande mensagem ao sistema internacional.

O paradoxo é que o impulso saudita para fortalecer a autonomia estratégica permanecerá frágil enquanto o petrodólar o vincular ao sistema bancário ocidental. Portanto, a Arábia Saudita tem uma grande decisão a tomar em relação à relevância contínua de seu compromisso de 1971 consagrando o dólar americano como a “moeda mundial” (substituindo o ouro) e sua resolução de usar apenas dólar para negociar petróleo – tudo isso permitiu que sucessivas administrações dos EUA ao longo do último meio século imprimissem papel-moeda como quisessem, vivessem lavando o dinheiro – e, eventualmente, usassem o dólar à guisa de arma como seu instrumento mais poderoso para impor a hegemonia americana globalmente.

Ao relatar a próxima visita de Xi Jinping à Arábia Saudita, o *The Wall Street Journal* acrescentou que a “recalibração estratégica da política externa saudita é maior do que a recente explosão com o governo Biden sobre a produção de petróleo... com discussões sobre a venda de uma participação na Saudi Aramco, incluindo contratos futuros denominados em yuan no modelo de preços da Aramco, e possivelmente precificando algumas vendas de petróleo saudita para a China em yuan”.

Tradicionalmente, as coisas costumavam se mover em um ritmo glacial indicativo de mudanças na política saudita. Mas o príncipe herdeiro Salman tem pressa em redefinir a bússola saudita e pode tomar decisões difíceis, como atesta a criação da OPEP Plus em aliança com a Rússia. Portanto, a probabilidade de a Arábia Saudita mudar de rumo para fazer parte de seus preços nas vendas de petróleo em moeda yuan é hoje mais forte do que nunca.

Se as coisas realmente se moverem nessa direção, com certeza, uma mudança tectônica pode estar ocorrendo – uma grande recalibração geoestratégica – e a visita de Xi Jinping à Arábia Saudita é elevada ao patamar de um evento de importância histórica.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
